

O CONHECER RELACIONAL - PROMOVER SAÚDE A PARTIR DE UMA OLHAR HOLÍSTICO E INTERDISCIPLINAR

Judith Sonja Garbers

Psicóloga clínica e pós-graduada em Teologia

INTRODUÇÃO

O ato de conhecer causa mudanças, tanto naquele que percebe como naquele que é percebido. A física quântica, em especial o trabalho de Heisenberg, aponta para os limites do conhecer objetivo que norteava a física clássica newtoniana. Ele fez a descoberta que a realidade só existe em relação ao observador e que a observação não reflete a natureza em si, mas a natureza exposta a um método científico.¹

Na pós-modernidade a interdisciplinaridade ganhou muita força.² Percebe-se a necessidade da interrogação filosófica para todas as ciências. A interdisciplinaridade não nega as especialidades e respeita o campo de cada disciplina, porém, quer superar a “hiperespecialização”. Edgar Morin (2004) ataca os “hiperespecialistas” como pretensos conhecedores e praticantes de uma inteligência cega. Ele propõe a “epistemologia da complexidade” que substitua a lógica clássica pela dialógica.³ Westphal (2006) complementa que “a ciência, porém, não percebe que vê a realidade somente em partes. Entretanto, a parte é tida como sendo o todo.”⁴

A obra “Brave New World” (Admirável Mundo Novo), um romance de ficção científica, de Aldous Huxley é uma crítica ao caráter absolutista da ciência da modernidade. Huxley descreve as pessoas como condicionadas a não terem relações

¹ HEISENBERG, W. **Physik und Philosophie**. Frankfurt a.M.: Ullstein, 1959.

² SOARES, H. **Interdisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/index.interdiscip1.html>>. Acesso em: 3 set. 2008.

³ MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

⁴ WESTPHAL, E.R. **Brincando no Paraíso perdido**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

familiares e afetivas estáveis e duradouras.⁵ A valorização do conhecer objetivo e a negligência do conhecer relacional parece ser característico da modernidade.⁶ Na pós-modernidade observa-se uma perda de confiança na objetividade da razão acompanhado por reações diversas para combater a incerteza. A permissividade, o fundamentalismo, o fascínio pelo espetacular, o consumo e a preocupação com o estilo de vida marcam a pós-modernidade.⁷ Acompanhado com esses “valores” novos vem uma incapacidade de viver em relações estáveis.⁸ A mudança dos conceitos na época da pós-modernidade levou a reconsiderar o valor de relações e do conhecer relacional.⁹

A VIDA NA SUA COMPLEXIDADE

Westphal (1999) enfatiza a necessidade de uma visão dialógica da realidade. A vida na sua complexidade e totalidade deve ser apreendida por vários pontos de vista tendo consciência que um ponto de vista não representa toda realidade.¹⁰ Ele realça que “ciência somente é possível na visão de pontos opostos. Excluir os opostos como possibilidade científica empobrece a ciência e a coloca nas amarras da estreiteza analítica.”¹¹ Morin (2004) destaca a complexidade da vida. A inteligência que fraciona o complexo reduz o complexo ao simples e separa o que está ligado.¹² A supervalorização do conhecer objetivo ofusca o conhecer relacional. Morin (2004) afirma que os conhecimentos fragmentados servem para usos técnicos, porém, não consideram a situação humana no âmago da vida. Eles não ajudam a enfrentar os grandes desafios da

⁵ HUXLEY, A. **Brave New World**. 18. ed. Glasgow: Triad GraftonBooks: 1977.

⁶ WESTPHAL, E. **Brincando no Paraíso perdido**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

⁷ CHEVITARESE, L. **As “razões” da Pós-modernidade**. In: Análogos. Anais da I SAF-PUC. Rio de Janeiro: Booklink. (ISBN 85-88319-07-1) Disponível em: <<http://www.posmodernidade.pdf>> Acesso em: 9 set. 2008.

⁸ BAUMANN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁹ Ibid.

¹⁰ WESTPHAL, E.R. A Lógica da Dominação na Ciência Moderna. **Vox Scripturae**, V. 9, n. 1, dec. 1999, p. 41-81. São Paulo.

¹¹ Ibid, p. 62.

¹² MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

pós-modernidade na sua complexidade.¹³ O autor formula o pensamento provocativo que “a maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento.”¹⁴ A descoberta de Heisenberg que o conhecimento objetivo é limitado contribuiu para um abrir de horizontes para a realidade na sua complexidade.¹⁵

Na pós-modernidade observa-se o problema que o cientista virou mito.¹⁶ Com a perda de referências éticas na pós-modernidade o cientista de jaleco branco assume funções litúrgicas evocando expectativas messiânicas e escatológicas.¹⁷ Parece que a ciência tem autoridade e apresenta provas irrefutáveis.¹⁸ Porém, como apresentado acima, as ciências que estão se baseando em experimentos, como a física não estão capazes de produzir provas que podem ser consideradas verdades absolutas.¹⁹ A medicina clássica valoriza pouco o conhecer relacional. Westphal (2006) enfatiza que a visão mecânica e hidráulica do ser humano não deixa os médicos enxergar o sofrimento humano na sua profundidade:²⁰

A visão hidráulica e mecânica da medicina moderna pensa resolver o sofrimento existencial como se este pudesse ser apreendido pelo plano cartesiano, como se pudesse ser medido a partir do modelo da hidráulica e da mecânica. O tratamento é feito por meio da química e temos, então, a medicamentização do sofrimento humano e a quimicalização da dor do luto e da angústia da morte. É comum ver médicos com o rosto voltado para a máquina, o computador, de olho nos dados, e as costas voltadas ao paciente.²¹

Poucos profissionais percebem que a situação do paciente exige mais do que o saber técnico e a mera aplicação de métodos. Weizäcker (1979) alerta que o pesquisador que supervaloriza o conhecer objetivo aplicando métodos científicos sem tomar

¹³ Ibid., p. 17.

¹⁴ MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004., p. 55.

¹⁵ WEIZÄCKER, C.F. von. **Die Geschichte der Natur.** 8. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

¹⁶ ALVES, R. **Filosofia Da Ciência.** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

¹⁷ WESTPHAL, E. **Brincando no Paraíso perdido.** São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

¹⁸ ALVES, R. **Filosofia Da Ciência.** 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

¹⁹ SINGH, S. **O último teorema de Fermat.** 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

²⁰ WESTPHAL, E.R. **Brincando no Paraíso perdido.** São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

²¹ Ibid, p.26.

consciência das relações e valores éticos envolvidos, facilmente desrespeita a vida.²² Isso se observa, por exemplo, na área da biotecnologia.²³ Westphal (2006) destaca que “a ciência que perde a humildade diante do mistério da vida, de Deus, do ser humano, da criação, perde a perspectiva ética, tornando-se profundamente ameaçadora”.²⁴ Importante é não esquecer o que o ser humano deve à vida: não a negação do conhecer objetivo, mas aquilo que liga o Eu com o Tu – o amor.²⁵

PROMOVENDO SAÚDE

Um representante da valorização do conhecer relacional é Martin Buber (1983) que vê no “Zaddik” um ideal de educador.²⁶ O “Zaddik”, o grande “guia de almas” das comunidades chassídicas, era professor, médico e guia espiritual numa pessoa e frequentemente convivia com seus alunos na mesma casa. Todos os alunos experimentaram a aura da sua essência carismática. Eles eram curados e ensinados. Buber afirma que o aprender acontece por meio da interação com aquele que ensina.²⁷ A figura do Zaddik encontra-se na tradição veterotestamentária dos Profetas que ensinaram o povo através de palavra e ação.²⁸

Em contraste com essa posição encontra-se o conhecer objetivo frequentemente apresentado na literatura científica educacional:²⁹ O pensar educacional que vê o processo educacional em função de métodos aplicados está em concordância com o espírito da modernidade. Procuram-se métodos que levam à aprendizagem independente da influência pessoal do educador. Mietzel (1993) apresenta a pesquisa científica sobre o

²² WEIZÄCKER, C.F. von. **Die Geschichte der Natur**. 8. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979.

²³ WESTPHAL, E.R. **Brincando no paraíso perdido**. São Bento do Sul: União Cristã, 2006.

²⁴ Ibid.

²⁵ BUBER, M. **Ich und Du**. 11. ed. Heidelberg: Lambert Schneider, 1983.

²⁶ SCHAEDEER, G. **Martin Buber: Hebräischer Humanismus**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966, p. 154-155.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ MIETZEL, G. **Psychologie in Unterricht und Erziehung**. 4. ed. Göttingen: Hogrefe, 1993.

planejamento do processo educativo e os métodos indicados que o educador deveria usar para promover a aprendizagem.³⁰ Formas de aprendizagem de origem behaviorista focam exclusivamente no comportamento observável negligenciando pensamentos, emoções e aspetos relacionais. Porém, um professor, que construa com seus alunos um relacionamento agradável e amistoso, alcança com menos castigo um sucesso maior do que um professor distanciado e frio.³¹ Modelos behavioristas que veem o processo de aprendizagem independente do conhecer relacional estão perdendo a força.³²

O conflito entre conhecer objetivo e relacional aparece também na área terapêutica. A psicologia moderna se preocupa muito com o conhecer objetivo: a exatidão da diagnose e a aplicação de métodos científicos experimentalmente aprovados.³³ Almeja-se objetividade nos testes e o fator humano é visto como uma variante indesejável que interfere no processo de pesquisa.³⁴ O conhecer relacional e o fator humano como agente da cura, porém é pouco visto. Fica a impressão, que a simples aplicação de métodos leva, de maneira aprovada, necessariamente a cura do ser humano atribulado. Buber critica a prática terapêutica comum de refugiar-se na objetividade de métodos e escolas terapêuticas. Ele aponta que os psicoterapeutas e médicos não estão dispostos a enfrentar o “abismo nu” do paciente, e limitam-se às técnicas da “ars médica”.³⁵

Buber (1983) não considera os métodos científicos inválidos para o tratamento terapêutico, mas ele se posiciona a favor de um caminho de esforço pessoal.³⁶ Concordando com Buber (1983), o psicólogo Rogers valoriza o conhecer relacional e admite que a aceitação do paciente como todo, em seus sentimentos e colocações, pelo terapeuta tem o maior efeito de cura. Buber (1983) acredita que é crucial apoiar o paciente na sua luta consigo mesmo.³⁷ O encontro de amor do Eu com o Tu aceita o paciente na sua totalidade e enxerga o seu potencial. O terapeuta que vê o paciente

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² MIETZEL, G. **Psychologie in Unterricht und Erziehung**. 4. ed. Göttingen: Hogrefe, 1993.

³³ DAVIDSON, G.C.; NEALE, J.M. **Klinische Psychologie**: Ein Lehrbuch. 3. ed. München-Weinheim: Psychologie Verlags Union, 1988.; REINECKER, H. (Org.) **Lehrbuch der Klinischen Psychologie**: Modelle psychischer Störungen. 2. ed. Göttingen: Hogrefe, 1994.

³⁴ LIENERT, G.A. **Testaufbau und Testanalyse**. 4. ed. München, Weinheim: Psychologie Verlags Union, 1989.

³⁵ SCHAEFER, G. **Martin Buber**: Hebräischer Humanismus. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid.

como um objeto do seu trabalho, transforma o paciente num ID, em contraposição com o Tu.³⁸

CONCLUSÃO

Promover saúde não significa em primeiro lugar a diagnose de problemas e doenças. O ser humano deve ser visto na sua totalidade compreendendo a complexidade da sua existência. Por meio do interesse verdadeiro do agente de cura, do entender da situação vivencial da pessoa, compreendendo o que lhe falta para uma vida saudável se promove saúde. Nesse processo os profissionais da área de saúde, da educação e da religião precisam estar conectados para abranger toda a complexidade da existência humana.

³⁸ BUBER, M. *Ich und Du*. 11. ed. Heidelberg: Lambert Schneider, 1983.